

Intervenções sociocomunicacionais colaborativas: aproximações entre universidade e Educação Básica

Collaborative socio-communicational interventions: approaches between university and Basic Education

Intervenciones sociocomunicacionales colaborativas: enfoques entre la universidad y la Educación Básica

214

Lilian Zanatta²³, Jane Márcia Mazzarino²⁴

Resumo

Através da disciplina Oficina de Jornalismo em Comunidades, os estudantes do curso de Jornalismo da Universidade do Vale do Taquari - Univates, após um aprofundamento teórico sobre a atuação jornalística em meio às comunidades, são instigados a mediar processos de intervenções sociocomunicacionais colaborativas, que gerem a apropriação das tecnologias de mídia pelos sujeitos. A experiência que se investiga neste estudo teve como público-alvo turmas de alunos de Ensino Médio de escolas públicas, os quais puderam explorar recursos da linguagem audiovisual, escolhendo as temáticas que emergissem nos seus grupos. O objetivo é analisar as apropriações das tecnologias de mídia para a abordagem de temas públicos enquanto uma experiência educomunicativa mediada por premissas do jornalismo comunitário. O estudo é exploratório e descritivo, de caráter intervencionista e qualitativo. A pesquisa inclui estudo bibliográfico, documental e de campo. A análise de dados é baseada nos relatos produzidos

²³ Universidade do Vale do Taquari – Univates izanatta@universo.univates.br

²⁴ Universidade do Vale do Taquari – Univates janemazzarino@gmail.com

pelos acadêmicos no decorrer das intervenções, em questionários aplicados aos graduandos e aos alunos de Ensino Médio e nos documentos audiovisuais criados.

Palavras-chave

Intervenção; Audiovisuais; Jornalismo Comunitário; Educação.

Abstract

Through the discipline Workshop on Journalism in Communities, students of the Journalism course at the University of Vale do Taquari - Univates, after a theoretical deepening on journalistic activities in the midst of communities, are encouraged to mediate processes of collaborative socio-communicational interventions, which manage the appropriation of media technologies by the subjects. The experience investigated in this study had as target audience groups of high school students from public schools, who were able to explore audiovisual language resources, choosing the themes that emerged in their groups. The study aims to analyze the appropriations of media technologies to address public issues as an educative experience mediated by premises of community journalism. The study is exploratory and descriptive, of an interventionist and qualitative nature. The research includes bibliographic, documentary and field study. Data analysis is based on the reports produced by academics during the interventions, on questionnaires applied to undergraduate students and high school students and on the audiovisual documents created.

Keywords

Intervention; Audiovisuals; Community Journalism; Education.

Resumen

A través de la disciplina Taller de Periodismo en Comunidades, los estudiantes del curso de Periodismo de la Universidad de Vale do Taquari - Univates, luego de una profundización teórica de las actividades periodísticas en medio de las comunidades, son incentivados a mediar procesos de intervenciones socio-comunicacionales colaborativas, que gestionan la apropiación de las tecnologías de los medios por parte de los sujetos. La experiencia investigada en este estudio tuvo como público objetivo grupos de estudiantes de secundaria de escuelas públicas, quienes pudieron explorar los recursos del lenguaje audiovisual, eligiendo los temas que surgieron en sus grupos. El objetivo es analizar las apropiaciones de las tecnologías de los medios para abordar la problemática pública como una experiencia educomunicativa mediada por premisas del periodismo comunitario. El estudio es exploratorio y descriptivo, de carácter intervencionista y cualitativo. La investigación incluye estudios bibliográficos, documentales y de campo. El análisis de datos se basa en los informes elaborados por los académicos durante las intervenciones, en los cuestionarios aplicados a estudiantes de pregrado y bachillerato y en los documentos audiovisuales elaborados.

Palabras clave

Intervención; Audiovisuales; Periodismo comunitario; Educación.

Introdução²⁵

No curso de Jornalismo da Universidade do Vale do Taquari - Univates, de Lajeado, Rio Grande do Sul, os estudantes são desafiados para a elaboração de projetos comunitários na disciplina Oficina de Jornalismo em Comunidades. A partir de um aprofundamento teórico sobre a atuação jornalística em meio às comunidades, os alunos são instigados a atuar como mediadores de intervenções sociais junto a grupos que mantêm pouco contato com a produção midiática e/ou jornalística.

Este artigo trata de uma experiência que envolveu alunos da Educação Básica, nível Ensino Médio, do Vale do Taquari. O objetivo a ação foi oferecer o acesso ao uso de ferramentas de comunicação para a problematização de temas públicos que sensibilizavam os estudantes no momento da intervenção dos acadêmicos.

Com estas ações gera-se interlocução entre a comunidade e o âmbito acadêmico por meio de uma didática de aprendizagem baseada no compartilhamento de saberes. Provoca-se a abordagem de temas de interesse público, que se mostrem significativos para a construção da cidadania dos envolvidos, oferecendo-se alternativas de popularização da informação. Ao atender às demandas de abordagem de temas dos grupos, os estudantes de Jornalismo interagem com os saberes da comunidade, conectam-se com realidades sociais distintas, o que, sem a possibilidade criada por meio da disciplina, provavelmente não aconteceria. Além disso, possibilitar o acesso à aprendizagens diferenciadas para um público que antes não teria esta oportunidade dinamiza vínculos sociais.

²⁵ Este estudo contou com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq.

Para os acadêmicos, ao se ampliarem as possibilidades de atuação jornalística, abrem-se perspectivas de atuação. Durante a disciplina, os estudantes puderam exercitar a criação jornalística comunitária, adentrando saberes que os fazem viver novas experiências da alteridade. A prática capacitou os alunos para a atuação em tempo real sobre causas contemporâneas e relevantes, fomentando o interesse pelo debate social e pelas mídias.

Os processos analisados neste artigo referem-se às intervenções que exploraram a linguagem audiovisual. Elas aconteceram em 2019, quando 15 alunos do curso de Jornalismo interagiram em quatro escolas públicas da região do Vale do Taquari, dos municípios de Estrela, Imigrante, Arroio do Meio e Encantado.

Problematiza-se como foram experienciadas as mediações em jornalismo comunitário nas diferentes escolas públicas da região, como se realizaram as abordagens de temas públicos, quais proximidades e distanciamentos percebem-se em relação aos modos de produção. O estudo tem como objetivo analisar as apropriações das tecnologias de mídia para a abordagem de temas públicos enquanto uma experiência educomunicativa mediada por premissas do jornalismo comunitário.

Metodologicamente, a pesquisa caracteriza-se como um estudo exploratório e descritivo, guiado pela pesquisa de caráter intervencionista e qualitativa, baseada em estudo bibliográfico, documental e de campo. A análise de dados é baseada nos relatos produzidos pelos acadêmicos no decorrer das intervenções, por questionários aplicados aos graduandos e aos estudantes de Ensino Médio e nos documentos audiovisuais criados pelos alunos. As produções tratam sobre temas que perpassam o contexto sociocultural da juventude na região: o esclarecimento de dúvidas de estudantes sobre a faculdade no filme “#expectativas”, a indicação

de melhorias sobre as demandas do município de Imigrante para o futuro no filme “Planejar o futuro com um pouco de passado”, o debate sobre reações sociais contra a comunidade LGBTQ+ no filme “Preconceito” e o tema da cidadania em meio a uma sociedade no filme “Eu, cidadão?”.

Abordagem de temas públicos na linguagem audiovisual

Os graduandos, divididos em equipes, deliberaram as escolas que gostariam de aplicar o projeto. O consenso adveio da localização das escolas: já haviam estudado nelas, as conheciam e/ou consideravam um espaço interessante para realizar a produção. As turmas foram definidas pelos gestores escolares ou formaram-se por adesão dos alunos convidados. Os alunos do Ensino Médio definiram as temáticas que gostariam de retratar, expondo o que para eles era importante de ser debatido no espaço-tempo da intervenção. Para definir estas escolhas os alunos de Jornalismo provocaram situações de debate com os estudantes, incentivando a identificarem um tema que fosse de interesse do grupo ou da comunidade onde vivem.

Os aspectos do jornalismo e da comunicação comunitária foram trabalhados através da única condição imposta pela disciplina: a escolha deveria ser por temas públicos e a linguagem audiovisual deveria ser explorada. Diversas possibilidades de temas emergiram espontaneamente em cada grupo, que por fim organizaram-se em torno de algum consenso buscado por aproximação. A criação do roteiro do audiovisual foi desenvolvida em colaboração entre acadêmicos e grupos sociais, procurando atender as demandas dos estudantes de Ensino Médio. A problematização sobre os temas dos audiovisuais ajudaram o processo de desenvolvimento do roteiro. Os alunos de Ensino Médio produziam as perguntas e analisavam o momento de entrelaçá-las às cenas que planejavam produzir. Assim,

os grupos estabeleceram o modo com que seu assunto seria apresentado no audiovisual com o auxílio dos acadêmicos.

A tarefa dos acadêmicos era instrumentalizar os alunos para a composição de um audiovisual, ensinando técnicas básicas de produção de imagens e captação de áudio com uso de um equipamento comum entre eles (smartphone). Também passaram noções sobre possibilidades para se contar uma história. O conhecimento básico sobre o uso de smartphone facilitou o acesso e a produção de conteúdos imagéticos. O fato da escolha do tema ter sido feita pelos participantes, assim com sua abordagem, visava garantir um maior interesse ao longo da experiência. Os mediadores tinham o desafio de debater sobre consumo de informações sobre a sociedade, a fim de despertar a conscientização sobre a importância de ter voz, manifestando-se publicamente sobre temas de interesse coletivo, a partir de processos em que assumiam autonomia produtiva. Além disso, precisavam esclarecer sobre a relação desta autonomia com os sentimentos de cidadania e de pertencimento à comunidade. Os alunos do Ensino Médio ainda tiveram um contato mínimo - teórico e prático - com elementos do jornalismo, a fim de dar um tom reflexivo às suas criações.

Uma das equipes de acadêmicos decidiu por realizar seu projeto com alunos da Escola Estadual de Educação Básica Nicolau Müssnich, localizada na cidade de Estrela. Por definição da própria instituição, seriam reunidos cinco alunos do primeiro ano do Ensino Médio, com idades entre 14 e 16 anos. Ao apresentar o conceito e as possibilidades do projeto, os estudantes motivaram-se a participar, principalmente por identificarem na proposta a possibilidade de qualificação profissional e de uma experiência diferente daquelas vividas em sala de aula. Optaram por produzir um documentário sobre um tema de sua realidade: a

ansiedade e os desafios de escolher (ou não) uma graduação após o término do Ensino Médio. O audiovisual viabilizou a demonstração de emoções vividas neste contexto social e a possibilidade de diminuir a ansiedade do grupo, que durante o processo decidiu fazer cenas na Univates, quando muitos dos participantes adentraram a primeira vez o espaço acadêmico. O filme recebe o nome de #expectativas. A questão mediadora da produção busca esclarecer questionamentos dos alunos sobre o curso superior por meio de entrevistas, reunindo relatos de graduandos e de estudantes de Ensino Médio, gerando uma comparação. A abordagem dos impasses ajudou a vislumbrar a realidade que enfrentarão no futuro. As entrevistas que fizeram com universitários aproximou o grupo da realidade desse meio.

Outra equipe da disciplina, trabalhou com um grupo de oito alunos de turmas do segundo e terceiro ano do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Médio 25 de Maio, de Imigrante. Os estudantes tinham entre 16 e 19 anos e manifestavam pouca perspectiva de crescimento pessoal e profissional no seu município. A motivação dos alunos para a intervenção se deu com mais intensidade nos momentos das dinâmicas geradoras de reflexões. A necessidade de envolver-se efetivamente na produção do audiovisual dispersou os alunos, que dedicaram-se a produzir um material básico de forma individual, gerando um entrelaçamento de linguagens imagéticas. O trabalho contempla fotos, vídeos e narração feita pelos alunos, que definiram-se por uma temática ambiental, manifestando sua preocupação com a poluição do arroio que banha Imigrante, onde viviam momentos de lazer. A produção recebe o nome de Planejar o futuro com um pouco de passado, por discutir o tema ambiental propondo soluções conforme suas demandas. O documentário apresenta imagens do município narradas por um dos

alunos, informando sobre suas características. O audiovisual retrata questões positivas e negativas de Imigrante. Exploram imagens da cidade que sofre com o esgoto, o desmatamento e o descarte indevido de lixo, e entrevistas dos participantes do grupo, de um habitante do município e de uma bióloga, que propõe alternativas de melhorias.

As intervenções que aconteceram na Escola Estadual de Ensino Médio Guararapes, de Arroio do Meio, se deram junto a um grupo de sete adolescentes, estudantes do segundo e terceiro anos do Ensino Médio. Eles sentiram-se motivados a participar devido ao convite dos próprios colegas e por se tratar de uma nova experiência, além disso, demonstraram ter alguma proximidade com a linguagem audiovisual, o que gerou envolvimento com a atividade. Eles já haviam produzido e editado vídeos. A turma tinha ideias criativas e instigantes sobre audiovisuais, apesar de pouca noção técnica. A temática principal foi escolhida por meio de metodologias participativas. Após os estudantes sugerirem diversos temas públicos possíveis de serem abordados, as acadêmicas os orientaram a interligar os afins e descartar os que não se relacionavam, obtendo como resultado, a definição da temática conservadorismo associado à questão LGBT+. Da escolha do assunto principal decorreu uma prática da cidadania por parte dos alunos, pois preocupavam-se em achar uma forma de abordar gerando empatia. O audiovisual envolveu alunos e professores em entrevistas que discutem o Preconceito, nome da produção. As perguntas são voltadas ao preconceito contra homossexuais. Intercalam entrevistas, relatos de experiência e opiniões sobre o tema. Os relatos buscam sensibilizar o receptor, propiciando a reflexão sobre o problema social.

A turma participante do Instituto Estadual de Educação Monsenhor Scalabrini, de Encantado, foi definida pela diretoria da escola, que indicou aqueles

que consideravam que mais se envolveriam no projeto. Uma turma de 25 alunos de terceiro ano participaria da intervenção. Contudo, o número variava a cada encontro, visto que muitos alunos já não compareciam às aulas. Alguns tinham experiência com fotografia amadora, deste modo, o caráter inédito do projeto os motivou em virtude de ser uma proposta de atividade diferenciada daquelas a que estão acostumados no ambiente escolar. Optaram por um documentário que discutiria o conceito de cidadania, a partir de diferentes temáticas de interesse coletivo: saúde, cultura e lazer e abandono de animais, conferindo o nome do filme *Eu, cidadão?* A abordagem é contextualizada na realidade municipal. A estratégia adotada foi de questionamento, provocando os entrevistados (autoridades, população, professores e profissionais das áreas relacionadas) a opinarem e a saírem da zona de conforto. Dessa forma, a própria produção do audiovisual gerou o desenvolvimento de um processo de cidadania para além dos alunos, gerando o posicionamento da comunidade. As entrevistas são intercaladas com imagens do município, possibilitando a imersão do receptor no conteúdo. Um aluno declama uma poesia de autoria própria, falando sobre a cidadania e a situação de sua cidade, criação decorrente da experiência criada na escola.

Analisando os encontros entre grupos sociais e acadêmicos, alguns pontos se destacam quanto ao método de intervenção realizado. Apenas dois grupos da disciplina usaram aprofundamento das metodologias participativas de modo aprofundando, que visava tornar os encontros dinâmicos e envolventes, criando um vínculo entre alunos e acadêmicos. Os demais grupos se apropriaram desses métodos apenas em alguns encontros.

As turmas de estudantes de Ensino Médio variam em quantidade. Percebe-se que os dois grupos que continham poucos estudantes obtiveram melhores

resultados em relação à produção e à colaboração do que grupos com muitos alunos. Turmas menores apresentavam maior interesse em aprender as técnicas audiovisuais e esforçaram-se em conjunto para apresentar um bom resultado. Turmas com muitos alunos dispersam-se mais facilmente, com a produção sendo realizada pelos poucos que haviam se interessado. Embora os mediadores dividissem tarefas de produção entre os alunos, essa divisão obteve os resultados esperados apenas nos grupos menores.

Contendo ligeiras dificuldades em relação a uma primeira oportunidade como mediadores de uma intervenção social, todos os grupos da disciplina apresentaram, em algum momento, impasses com o andamento da produção devido à falta de colaboração dos estudantes. Eventualmente, os estudantes apresentavam-se desinteressados e inquietos e, por vezes, os recursos dos acadêmicos para contornar a situação eram escassos devido à sua inexperiência. Deste modo, sentiam-se receosos de não entregarem o documentário conforme o esperado. Neste sentido, a professora da disciplina discutiu com eles este outro lugar que ocupavam, de proponentes de atividades, e dos riscos inerentes a esta tarefa, e os tranquilizou que o aprendizado estava no próprio processo.

Consoante aos audiovisuais identifica-se que a produção foi fiel aos roteiros em todos os grupos.

Todos os grupos optaram pelo mesmo formato de documentário, convidando variados participantes para se integrarem ao filme como entrevistados.

Os quatro audiovisuais têm diferentes abordagens, mesmo tendo exercícios de capacitação semelhantes, o que decorre da apropriação das tecnologias de mídia e da própria experiência de modo singular, geradora de alguma autonomia aos grupos sociais envolvidos e também aos acadêmicos, inexperientes com este

tipo de possibilidade. A tarefa de atuar como mediadores de metodologias participativas para envolver os estudantes e obter uma produção audiovisual conforme demandas relativas a um tema público constituiu-se em um desafio para os acadêmicos.

Com suas singularidades, todos foram envolvidos em experiências de cidadania, com suas diferenças e nuances. Para Rabelo (2007, p. 121), neste tipo de processo "os produtos comunicacionais caracterizam-se pelo conteúdo pró-cidadania e pela ativa presença dos destinatários nas diversas fases de produção. Cada vez mais comuns, não se situam mais apenas no campo alternativo."

A análise dos relatos traz a reflexão sobre a função social que pode ser amparada pelas práticas jornalísticas decorrentes de uma ação da universidade que articula ensino e extensão, oportunizando a expressão de uma comunidade e o desenvolvimento do pensamento crítico. Neste sentido, as práticas de jornalismo comunitário cumpriram o papel de propor o diálogo gerador de cidadania, por meio da democratização do debate sobre temas às vezes pouco abordados nos espaços midiáticos tradicionais, ou, quando o são, as fontes da comunidade geralmente não têm espaço para sua expressão. Já os universitários relataram que a experiência de contato comunitário gerou deslocamentos e provocou a tolerância e a ampliação do exercício da comunicação.

Esta forma de fazer jornalismo, fora da caixa, se aproxima do que afirmam Sequeira e Bicudo: "passa a ser encarado como um patrimônio da comunidade" (2007, p. 10). O fato de garantir o envolvimento da comunidade democratiza o debate de assuntos relevantes para os próprios emissores e incentiva a colaboração e a conscientização dos direitos sociais de pessoas comuns, neste caso, jovens. Para Ferreira,

“O Jornalismo Comunitário é a oportunidade de proporcionar aos indivíduos uma cidadania no sentido de poder exercer seu direito a uma comunicação ativa. O indivíduo é produtor de conteúdo, de informação, podendo dela participar, e ser agente no processo de construção social” (Ferreira, 2011, p. 60).

Desenvolver um audiovisual proporcionou a todos os envolvidos a oportunidade de obter aprendizados aprofundados sobre os assuntos apresentados em suas criações. A produção dos conteúdos aprofundou conhecimentos, já que os estudantes precisaram buscar informações, seja por meio de entrevistas ou em pesquisas que fizeram. Conhecimentos foram compartilhados, refletindo-se no desenvolvimento de senso crítico por meio de processos criativos. Conexões entre comunicação e educação geraram um fluxo produtivo que gerou novidade na escola e na universidade. Enfim, por meio de uma proposta curricular, gerou-se interação social, trocas comunitárias, engajamento no debate de temas públicos, acesso e apropriação tecnológica e experiências narrativas.

A disciplina facilitou práticas de participação social com apropriação de tecnologias de mídia. A produção das narrativas incorporou-se à formação no Ensino Médio e gerou o contato com funções de produção midiática ainda não experienciadas, mesmo pelo grupo que já tinha algum acesso. A experiência possibilitou a todos reconhecerem-se atuantes socialmente.

Os acadêmicos, além de definir as escolas participantes e mediar o processo de intervenção social, auxiliaram os alunos a se tornarem protagonistas em todo processo: na construção do roteiro, na produção e na edição do filme. Os alunos compreenderam o propósito da livre criação. Exploraram os equipamentos de filmagem com entusiasmo, com exceção de um grupo. O contato dos estudantes de Ensino Médio com os smartphones era restrito ao conhecimento de mídias

sociais e às ferramentas de entretenimento, sem adentrarem a práticas de produção de conteúdo público.

As produções potencializadas por meio da disciplina revelaram também os interesses comunitários. Foi oferecido aos espectadores a visão dos participantes sobre os problemas sociais que consideravam relevantes naquele tempo e espaço. Suas produções de sentido espalharam-se para a comunidade que os assistiu, ao menos a escolar e a universitária, já que os vídeos foram apresentados a todos os grupos em uma mostra na Univates, ao final da disciplina. Viveram uma experiência coletiva de construção identitária e empoderamento. O meio universitário serviu como um facilitador da ação, gerador de um intercâmbio entre escola e universidade, possibilitando o reconhecimento de problemas sociais atuais, em uma linguagem que é cotidiana aos jovens, o mundo das imagens. Para Paiva, é uma função do comunicador social trabalhar com esse novo desenho social.

“Muito mais que um publicitário, jornalista ou radialista, esse profissional deve ser alertado para o seu papel de agente social, aquele que primeiramente é capaz de promover e de potencializar a articulação comunitária, seja via instituições (desde prefeituras, órgãos municipais e organismos não-governamentais) ou por meio da evocação de uma comunidade determinada. A função desse profissional, considerado frequentemente como agente externo, é provocar a participação” (Paiva, 2003, p. 143).

Afetar estudantes de Ensino Médio de escolas públicas por intermédio de exercícios comunicacionais possibilita que os acadêmicos em formação percebam, desde cedo, sua competência de mediar o desenvolvimento de conteúdos criativos ou a necessidade de desenvolvê-la. Entretanto, é fundamental que as informações básicas sobre os modos de produção sejam viabilizadas, para que os produtos audiovisuais tenham alguma qualidade estética, de modo a facilitar o processo de recepção (um bom som e boa captação de luz são essenciais, por exemplo).

Os audiovisuais foram um método de oportunizar aos alunos das escolas, um momento em que pudessem expressar livremente suas opiniões sobre os temas abordados nos depoimentos e entrevistas realizadas. Beneficiou acadêmicos, estudantes de Ensino Médio e as comunidades em que estão inseridos, por abordarem temas relevantes para a sociedade atual. Essa contribuição entre universidade e comunidade favorece o sentimento de pertencimento, colaborando com o empoderamento de universitários e de estudantes de escolas públicas.

Reflexões a partir da experiência

Após a finalização do processo de produção audiovisual, os graduandos e os estudantes de Ensino Médio foram convidados a responder um questionário, opinando acerca das intervenções. As respostas dos alunos de Ensino Médio referem-se à relação com os colegas, à produção e aos aprendizados.

A turma de estudantes que compõe o audiovisual “#expectativas” ressaltou a participação e a colaboração do grupo para realizar o projeto, o que fortaleceu as relações sociais entre si e com outras pessoas. A oportunidade possibilitou uma visão melhor sobre o jornalismo e sobre as técnicas de captação de imagens. Consideraram relevante a possibilidade de escolherem o tema, que para eles agregou à comunidade escolar e gerou identificação no grupo por estar relacionado as suas expectativas de futuro. A experiência foi avaliada como importante e útil, tendo alcançando seus objetivos. Também afirmam que compreenderam melhor a realidade dos estudantes universitários.

Os componentes do grupo do audiovisual realizado em Imigrante, Planejar o futuro com um pouco de passado, ressaltaram os aprendizados sobre a produção

de conteúdo audiovisual e fotográfico para o desenvolvimento de uma matéria sobre seu município, percebendo, com isso, a contribuição do jornalismo para a sociedade. Também citaram a importância de informar-se sobre o município em que se inserem. A experiência, considerada diferenciada pelos estudantes, oportunizou dar voz a um problema silenciado em meio a sua comunidade, que estavam querendo abordar há muito tempo. O projeto envolveu todos os alunos, gerando uma aproximação entre os colegas, afetando positivamente as relações sociais.

Para os alunos do audiovisual Preconceito, o aprendizado será útil futuramente. Segundo eles, mudou a forma de observar uma produção. As experiências adquiridas com colegas "criativos e objetivos" facilitou a fluidez do trabalho. Perceberam a força do tema escolhido e da inclusão do mesmo no contexto social em que vivem, neste sentido acreditam que realizaram algo relevante por dar visibilidade e conscientizar sobre o assunto. Por outro lado, perceberam a responsabilidade de produzir um audiovisual sobre uma temática "delicada". Consideraram a difusão de conhecimento realizada pelos acadêmicos junto às escolas algo nobre, mesmo que tenha sido realizada de maneira simples e resumida. Sentem orgulho de sua produção em relação ao tema, das filmagens e do envolvimento dos colegas. As expectativas do grupo foram atendidas.

Os alunos do audiovisual Eu, cidadão? destacaram que estavam interessados em aprender a gravar, manusear uma câmera e estar em frente a ela, adquirindo maior conhecimento sobre o jornalismo e envolvendo-se nos processos de produção. Para eles, tudo isso foi relevante por agregar informações e experiência. Ficaram satisfeitos com o tema, pois compõem o cotidiano de todos e foi discutido de forma crítica, colaborando para a compreensão dos alunos a

respeito de questões sociais. Sentiram falta de maior união na turma para obter um melhor resultado. Avaliaram o material produzido como criativo e entendem que, com sua divulgação, é possível que as pessoas percebam a importância do assunto abordado e debatam sobre ele.

Os universitários disseram que com suas experiências intervencionistas tiveram a oportunidade de atuar como mediadores do conhecimento adquirido durante a graduação, in Entretanto, para eles, a falta de experiência em orientar uma turma de alunos dificultou o processo e atrasou o rendimento do trabalho. Neste sentido, sentiram falta do acompanhamento da professora da disciplina nas escolas, o que teria resultado em um melhor desempenho. Citaram que a aproximação com a linguagem dos jovens foi um elemento facilitador no processo intervencionista. Demonstraram satisfação com o conteúdo produzido, no que se refere à estética e à técnica (considerando que a proposta era produzir audiovisuais amadores), e ao papel problematizador das pautas comunitárias. A intervenção possibilitou aproximação entre o meio acadêmico e o meio comunitário.

Reflexões teóricas a partir da experiência deflagrada

A necessidade de mudanças e de contribuição para a construção de uma sociedade mais igualitária, informada e cidadã requer o estabelecimento de vínculos entre comunidade e universidade. Para Guareschi (2003) uma das responsabilidades da universidade na sociedade é ser o local para o desenvolvimento das dimensões humanista e crítica, o que pode ser realizado a partir das disciplinas dos currículos de graduação atreladas a ações de extensão.

Os processos empreendidos na disciplina de Oficina de Jornalismo em Comunidades são participativos e visam à apropriação das tecnologias de mídia para a construção de narrativas pelos grupos comunitários.

“A participação na comunicação é um mecanismo facilitador da ampliação da cidadania, uma vez que possibilita que a pessoa se torna sujeito de ação comunitária e dos meios de comunicação ali forjados, o que resulta num processo educativo, sem estar nos bancos escolares. A pessoa inserida nesse processo, tende a mudar o seu modo de ver o mundo e de relacionar-se com ele. Tende a agregar novos elementos a sua cultura” (Peruzzo, 1999, p. 219).

Nesse processo, o aluno atua como emissor e receptor, simultaneamente. Portanto, esse método interliga as formas de produção de informação e desenvolvimento crítico, através da apropriação das mídias. Essa metodologia apresenta-se como um recurso social capaz de trazer benefícios à comunidade por meio da uma relação intrínseca entre educação e comunicação. Trata-se de uma prática articulada aos princípios da Educomunicação, no que se refere à apropriação dos modos de produzir informação, democratização da comunicação, metodologias participativas, exercício de criatividade, diálogo de saberes e valorização da alteridade.

“[...] a Educomunicação tem como meta construir a cidadania, a partir do pressuposto básico do exercício do direito de todos à expressão e à comunicação. É neste sentido que emerge seu caráter libertador” (Scareli & Andrade, 2012, p. 436).

A rede de ligações que se formou a partir dos encontros foi capaz promover uma autoafirmação dos participantes dos grupos sociais, dando-lhes visibilidade e os tornando produtores dos conteúdos que lhes interessava pautar na sociedade. Deixaram de ser meros receptores. Desta forma, as identidades individual e coletiva foram dinamizadas e favoreceu-se o reconhecimento das vozes comunitárias. Segundo Peruzzo,

“A participação das pessoas na produção e transmissão das mensagens, nos mecanismos de planejamento e na gestão do veículo da comunicação comunitária contribui para que elas se tornem sujeitos, se sintam capazes de fazer aquilo que estão acostumadas a receber pronto, se fazem protagonistas da comunicação e não somente receptores” (Peruzzo, 1999, p. 219).

Conforme Rabelo (2007) atuar com criatividade e habilidade para estimular processos de mudanças requer qualificações que vão além da aprendizagem do uso instrumental da mídia e da intenção de democratização do acesso à informação. A prática torna-se possível apenas com a sensibilidade do jornalista para o que é considerado como acontecimento relevante para eles. Especificamente no caso do jornalismo comunitário, conforme Felipe Pena,

“[...] atende às demandas da cidadania e serve como instrumento de mobilização social. (...) Outra característica importante é o completo afastamento do ranço etnocêntrico. O jornalista de um veículo comunitário deve enxergar com os olhos da comunidade. Mesmo que já pertença a ela, deve fazer um esforço no sentido de verificar uma real apropriação dos processos de mediação pelo grupo” (Pena, 2005, p. 185-187).

Para Sequeira e Bicudo (2007), o jornalismo comunitário, enquanto função social, caracteriza-se em síntese pela valorização da realidade local, participação da comunidade durante todo o processo de produção, consagração das ideias da mobilização e da transformação, resgate de um viés pedagógico e educativo e articulação com a produção independente e de resistência. Desta forma, a narrativa proposta pelo jornalismo comunitário precisa viabilizar, sobretudo, a criação de vínculos, de forma que o público se identifique com a informação e desenvolva um sentimento de pertencimento. Ao longo dos quatro processos de intervenções, com suas singularidades, cada grupo experienciou com diferentes intensidades estas características. Neste sentido,

“O Jornalismo Comunitário é, sem dúvida, uma alternativa para a concentração da propriedade dos meios de comunicação, para a comunicação tradicionalmente verticalizada conhecida no Brasil e para o fomento de cidadãos mais participativos e ativos no processo de construção de sua sociabilidade, representação e realidade. (FERREIRA, 2011, p. 64)

Para Sequeira e Bicudo, a característica comunitária do ramo jornalístico

“uma de suas grandes virtudes qualitativas, pois o fato de aproximar-se de seu público permite que dialogue com ele mais com profundidade e intensidade” (2007, p. 9). A disciplina Oficina de Jornalismo Comunitário oferecida pela Univates propiciou o diálogo e despertou, quando não fortaleceu, o sentimento de resistência e a visibilidade sobre as demandas coletivas dos quatro grupos de jovens, o que decorreu do contato social e de uma estratégia criativa atrelada aos temas da cidadania e à produção jornalística audiovisual, proporcionando uma experiência de educação não-formal de educação (mesmo que atrelada a dois campos formais). O sentimento de pertencimento comunitário emergiu com a manifestação livre das ideias e das concepções que têm os alunos de Ensino Médio sobre o mundo que vivem.

Com as metodologias participativas, facilitou-se a apropriação das tecnologias de mídia pelos grupos sociais e a definição dos temas de interesse público que atravessavam os quatro grupos de jovens: a necessidade de esclarecimento de dúvidas de estudantes sobre a faculdade no filme #expectativas, a visão de melhorias sobre as demandas do município de Imigrante para planejá-lo para o futuro no filme Planejar o futuro com um pouco de passado, o debate sobre o preconceito contra a comunidade LGBTQ+ no filme Preconceito e o retrato do papel da cidadania em meio a uma sociedade no filme Eu, cidadão?.

Apesar das dificuldades apontadas pelos universitários, pela própria inexperiência de atuarem como mediadores de um processo de intervenção comunitária, os resultados foram interessantes: deflagraram processos que são acima de tudo de comunicação comunitária. A insegurança é inerente à inexperiência. Se prepararam para as intervenções vivendo-as. Não havia como prepará-los mais do que informando sobre as possibilidades do que surge a campo.

Mas cada ida é única, cada grupo tem suas singularidades. Não há como prever tudo. Por exemplo, não há como fazer participar o outro que não quer estar no processo, se assim o fosse não se estaria respeitando seu direito de não participar. A presença da professora poderia interferir no intercâmbio e na autonomia do grupo. Ela, apoiando-os em relação às inseguranças e dúvidas, possibilitou menos centralidade de seu poder.

A disciplina provocou inseguranças mas também a sensibilização dos acadêmicos para atuarem em processos comunitários, uma alternativa de trabalho em tempos de sociedade de risco. Uma necessidade de atuação cada vez mais relevante, mesmo que desvalorizada pelo mercado. A universidade precisa formar cidadãos colaborativos e ativos para integrarem uma sociedade efetivamente.

Reflexões incorporadas à experiência

O que se provocou a partir das intervenções foi uma experiência de cinema amador com apropriação de equipamentos produtores da linguagem audiovisual, em um ambiente escolar, prática que provocou deslocamentos no cotidiano da universidade, da escola e de todos os envolvidos. Olhares foram educados, tanto sobre a realidade, ao produzirem-se os documentários, quanto sobre a educação na universidade e na escola. Sobre isso, entendemos a necessidade de trazer algumas reflexões que podem ser incorporadas à experiência relatada.

Sobre a criação de filmes amadores, sua proposta é romper com a busca por padrões estéticos “perfeitos” e, nisto, se coloca como uma prática de resistência ética e estética. Polydoro (2012) afirma que os vídeos amadores visibilizam fatos que ficariam na escuridão, trazendo novos elementos à teoria das imagens, caso do improvisado, da crueza documental, do acaso na produção e da instantaneidade da captação e da circulação das imagens. Eles circulam sem um poder que domine

seus processos, determinando uma nova estrutura e novos fluxos de informação, favoráveis à liberdade e aos ideais democráticos. Talvez por explorar outra estética, para Codes (2015), as imagens produzidas em propostas de cinema amador provocam, nos receptores, a abertura para sensações e experiências, formas de olhar e se relacionar com a educação por meio das imagens.

Desde sempre o ser humano vive em meio às imagens que produz do mundo, o que mudou foi o acesso às tecnologias para produzi-las. No caso do campo da educação, talvez o mais importante seja perceber como estas tecnologias educam,

“[...] do que ficar pensando em como educar através delas. Não se trata de negar o seu uso na educação formal e informal, mas sim de lembrar sempre que as tecnologias de produção, reprodução de imagens, sons e palavras, em movimento ou não, constroem, a sua maneira, o real” (Miranda, 2001, online).

A ausência de uma atitude crítica da parte da escola sobre os processos de produção de imagens faz com que a escola eduque o olho a ver a realidade de forma alienada. Para Miranda (2009) o desenvolvimento tecnológico aumenta a interatividade e possibilita formas de comunicação mais horizontais, já que se proliferam os meios de produção e a circulação de informações, assim como os usos das tecnologias. No entanto, o autor ressalta que tanto o acesso às tecnologias quanto seu uso é desigual e diferenciado, por questões sociais, ideológicas, econômicas e culturais.

“[...] um artefato tecnológico de informação e comunicação, de fato, produz ou faz circular informação, ou informa, se e somente se, os sujeitos, em um determinado contexto cultural, têm a intenção de assim fazer e reconhecem que o fazem. Segundo, um artefato tecnológico de informação e comunicação, de fato, possibilita uma comunicação, ou comunica, quando os sujeitos que se relacionam com essas tecnologias estabelecem uma relação dialógica com alguém através destes aparatos. Isso significa tanto ter a intenção de diálogo, como reconhecer essa interação mediada como dialógica” (Miranda, 2009, online).

Portanto, esta intenção de diálogo parece ser um pressuposto para a inserção, nas escolas, das tecnologias criadoras de audiovisuais. As quatro experiências relatadas tinham esta intenção. Ao adentrarem a escola, os universitários depararam-se com a falta deste tipo de produção entre os estudantes. O que se observou confirma o que afirma Domingues e Fresquet (2013): na instituição escolar o cinema ainda é um ato criativo estrangeiro que provoca o olhar, altera rotinas de espaço e tempo, perturba a ordem. É um elemento artístico, criador, propulsor de apreciação estética, que ensina, afeta, constrói conceitos, sentimentos, significados, assim como os desconstrói para reconstruí-los.

Isto porque o cinema traz outras formas de ver o mundo, faz olhar; ver/admirar talvez outros tempos e lugares, pensar e sentir como outros, fazendo, quem sabe, criar com o outro, como diz Fresquet (2006). Para a autora, a produção de afetos e da experiência estética de que o cinema é capaz de provocar permite diversificar e recuperar desejos, constituindo-se em uma experiência individual e coletiva de realização e produção de novas possibilidades de pensar, sentir e criar. O cinema no espaço escolar desequilibra rotinas e estruturas, desestabiliza verdades e traz a tona o que, muitas vezes, tem sido negligenciado pela escola: a emoção, o irracional, o sonho, o riso, assim, possibilitando a criação de mundos particulares, escrevem Omelczuk, Fresquet e Santi (2015). Para elas, deste modo, se criam possibilidades de emancipação e de construção de outras sensibilidades.

Referências

Codes, D. H. C. (2015). Imagens navegantes: cinema amador como processualidades em pesquisa com educação. *Linha Mestra*, (27), 103-106. Recuperado de: https://linhamestra27.files.wordpress.com/2016/02/16a_davi_henrique_correia_de_codes_imagens_navegantes_cinema_amador.pdf

- Domingues, G. R. & Fresquet, A. M. (2013). O ponto de escuta no cinema: experiências de exibição e criação cinematográfica para além da técnica. *Revista de Linguagem do Cinema e do Audiovisual*, 2 (2), 16-36. Recuperado de: <http://www.latec.ufrj.br/revistas/index.php?journal=linguagemdocinema&page=article&op=view&path%5B%5D=502>
- Ferreira, F. V. (2011). Colocando em prática o jornalismo comunitário: expectativas e desafios. *Revista Negócios em Projeção*, 2 (2), 57-66. Recuperado de: <http://revista.faculdadeprojecao.edu.br/index.php/Projecao1/article/viewFile/98/84>
- Fresquet, A. M. (2006). Cinema y experiencia: un posible encuentro con nuestra infancia. *Recreate*, 5 (1). Recuperado de: http://www.iacat.com/revista/recreate/recreate05/seccion3/cine_Experiencia.htm
- Miranda, C. E. A. (2001). Uma educação do olho: as imagens na sociedade urbana, industrial e de mercado. *Cadernos CEDES*, 21 (54), 28-40. doi: 10.1590/S0101-32622001000200004
- Miranda, C. E. A. (2009). Pesquisa em educação e imagens, novas tecnologias e a busca pela interlocução. *Com Ciência*, (110), 1-6. Recuperado de: http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542009000600011&lng=pt&nrm=iso
- Paiva, R. (2003). *O espírito comum: Comunidade, mídia e globalismo*. Rio de Janeiro: Mauad.
- Pena, F. (2005). *Teoria do Jornalismo*. São Paulo: Contexto.
- Peruzzo, C. M. K. (2013). Comunicação Comunitária e Educação para a Cidadania. *Comunicação & Informação*, 2 (2), 205-228. Recuperado de: <https://www.revistas.ufg.br/ci/article/view/22855>
- Polydoro, F. S. (2012). Esboço de uma ontologia dos vídeos amadores de acontecimentos. *Revista Contracampo*, 1 (25), 133-149. Recuperado de: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17275/10913>
- Rabelo, D. C. (2007). Comunicação comunitária se aprende na escola? Relatos de uma aprendiz. En: R. Paiva. (Org.), *O retorno da comunidade: Os novos caminhos do social* (pp. 119-132). Rio de Janeiro: Mauad.
- Scareli, G. & Andrade, G. J. (Septiembre, 2012). Educomunicação: práticas e perspectivas – uma análise das ações do instituto recriando em Sergipe. En R. Nunes (Org.), *Grupo de Estudos e Pesquisa Comunicação, Educação e Sociedade*. Simposio llevado a cabo en el III Simpósio

Educação e Comunicação, Aracaju, Brasil.

Sequeira, C. & Bicudo, F. (2007). Jornalismo Comunitário – Conceitos, Importância e Desafios Contemporâneos. En J. M. de Melo & H. I. Challoub (Coords.), *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*. Simposio llevado a cabo en el XXX Congreso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Santos, Brasil.